

A LITERATURA INFANTOJUVENIL E A PROPOSIÇÃO DE AÇÕES DIDÁTICAS PEDAGÓGICAS DA OBRA A BOLSA AMARELA DE LYGIA BOJUNGA

CHILDREN'S LITERATURE AND THE PROPOSAL OF TEACHING PEDAGOGIC ACTIONS IN THE WORK A BOLSA AMARELA BY LYGIA BOJUNGA

Andreia Luiza Dias¹

Nara Niceia C. B. G. Silveira²

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer reflexões sobre a literatura infantojuvenil e a abordagem social de questões pertinentes ao público infantil e adolescente. Nesse sentido adota-se como objeto desse estudo o romance A Bolsa Amarela de Lygia Bojunga Nunes. Publicada em 1976, a obra é considerada um clássico da literatura brasileira voltada para leitores jovens. O romance é conduzido pela narradora e protagonista Raquel, uma criança que vai delineando a narrativa em torno de suas vontades, sentimentos e visões de mundo, que difere do seu contexto de vida. Metodologicamente a pesquisa é caracterizada como bibliográfica e documental. Teoricamente este estudo está embasado em Candido (2004); Zilberman (1983, 2003); Demite (2014); Abramovich (1991); Coelho (2000); Bamberger (2000); Santos e Novaes (2014) entre outros.

Palavras-chave: Literatura Infanto-juvenil. Questões Sociais. Projeto Escolar. A Bolsa Amarela.

Abstract: This article aims to reflect on children's literature and the social approach to issues relevant to children and adolescents. In this sense, the novel A Bolsa Amarela by Lygia Bojunga Nunes is adopted as the object of this study. Published in 1976, the work is considered a classic of Brazilian literature aimed at young readers. The novel is led by the narrator and protagonist Raquel, a child who outlines the narrative around her desires, feelings and worldviews, which differs from her life context. Methodologically, the research is characterized as bibliographical and documentary. Theoretically, this study is based on Candido (2004), Zilberman (1983, 2003), Demite (2014), Abramovich (1991), Coelho (2000), Bamberger (2000), Santos and Novaes (2014) among others.

Keywords: Children's Literature. Social Questions. School Project. The Yellow Bag.

1 - Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduada em Letras pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO). Graduada em Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4451253538650638>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3013-1899>. E-mail: andreialuizadiaz@gmail.com

2 - Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal do Tocantins/ Campus Porto Nacional. Pós-graduação em Docência em Ensino Superior pela Faculdade ITOP. Graduada em Letras pelo Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Tocantins. Graduada em Administração pela Faculdade Triângulo Mineira Ituiutaba/MG Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0771486593241289>. ORCID: <https://orcid/0000-0003-3517-0942>. E-mail: nniceia@gmail.com

Introdução

Neste estudo busca-se promover uma reflexão sobre a literatura infantojuvenil e as questões sociais, elencadas pela obra literária *A Bolsa Amarela* de Lygia Bojunga. Ainda, mostra como podem ser desenvolvidas ações didáticas pedagógicas em sala de aula, utilizando livros voltados para o público jovem. Pontua-se que a leitura de obras literárias é de fundamental importância para o desenvolvimento tanto cognitivo, quanto pessoal e social do ser humano.

Ressalta-se desse modo, que a literatura infantojuvenil deveria ser efetivamente discutida e repensada nas salas de aula, pois essa vertente tende a cativar o seu público alvo e ao mesmo tempo auxiliá-los na compreensão das várias narrativas e ensinamentos para a vida.

No caso específico do livro *A Bolsa Amarela*, seu foco é as questões sociais, a exemplo: abandono, conflitos familiares, diferença de gêneros, adultização, entre outros. Na obra, Lygia Bojunga faz uso de várias metáforas e isso auxilia na aproximação da narrativa aos seus leitores, pois o foco narrativo da história é em primeira pessoa, através da personagem Raquel que conta os fatos de forma simples e confessional, como se fosse um segredo.

A escolha do livro para o desenvolvimento desse projeto é justificada, pois a obra retrata um mundo real e imaginário, passando do concreto ao fantasioso, se tornando uma excelente ferramenta para exercitar a criatividade dos alunos e ao mesmo tempo trabalhar situações práticas de convivência social.

Objetivamente, busca-se demonstrar que através da ludicidade emanada da literatura infantojuvenil, toda criança e adolescente, por intermédio do exercício da leitura literária, é capaz de refletir sobre as diversas temáticas que são abordadas na obra e com isso perceber pontos similares presentes na narrativa, bem como a sociedade e cultura que esse leitor está inserido.

A escolha dessa obra da escritora Lygia Bojunga, deu-se em virtude de que, mesmo depois de 46 anos da sua publicação (1976), o livro permanece atual e é um dos clássicos da literatura infantojuvenil brasileira. Nesse sentido, o que se pretende com esse projeto não é só ampliar o acervo de conhecimentos, a imaginação e competências em relação aos usos da linguagem escrita dos alunos, mas também, colaborar para que desempenhem de forma mais crítica e competente seu papel de leitor. Proporcionando momentos de reflexão sobre a história e também desenvolver opinião/crítica sobre a mesma, desenvolver, assim, o letramento desse público.

Ao trabalhar livros como esse, de Lygia Bojunga, é necessário usar metodologias que o aluno possa ouvir, dramatizar, ilustrar, recontar e reescrever a história, para que, assim, o mesmo possa contribuir positivamente na sua formação, construindo dessa maneira uma relação da obra consigo mesmo e com mundo à sua volta. Desse modo, o propósito é também estimular o gosto pela leitura em jovens estudantes de ensino fundamental, utilizando os recursos presentes em Lygia Bojunga em uma perspectiva interacionista.

Literatura infantojuvenil: leitura e leitores

A língua é uma atividade presente no desenvolvimento do homem. Segundo Bakhtin (2003) foi sendo construída a partir do pensamento e da troca com o outro, numa relação dialógica. A linguagem, neste contexto, é vista como um constante processo de interação mediado pelo diálogo. A literatura infantojuvenil favorece o desenvolvimento da língua e de todos os processos que envolvem as suas competências, e está ligada com o desenvolvimento inicial de cada sujeito.

Ao mesmo tempo, conforme Santos e Moraes (2013), esse letramento dialoga com a interação e reinvenção da linguagem. Acontecem em um processo dialógico do leitor com o autor e a obra, esta última em seu processo de produção, circulação e recepção, bem como na materialidade dos enunciados lúdicos e oníricos presentes na leitura literária.

As ideias dos autores convergem com as de Bakhtin, se posicionam que a língua é

inseparável da vida, em que a parte enunciativa discursiva dialoga com o mundo. Nessa perspectiva, ressaltam que a interação do sujeito é social, histórica e cercada de ideologias, sendo que cada um faz diferentes interpretações a partir de uma mesma leitura. Por isso, ler e interpretar é dialogar consigo mesmo e com o mundo. Assim, a linguagem onírica e lúdica é favorecida nesse gênero, pois a literatura infantil tem estreita relação com o brincar com a reinvenção criativa e com o encantamento desse universo tão grandioso e estimulante, quando melhor explorado e aproveitado.

Sendo assim, imprescindível a presença e a análise da contribuição da literatura infantojuvenil durante o desenvolvimento cognitivo, a fim de acrescer na formação social e individual, trabalhando a inserção de cada jovem leitor no mundo da leitura e da escrita desde a primeira infância, momento que se inicia o processo de alfabetização.

De acordo com Santos e Moraes (2013), as palavras são materializadas na escrita e reinventadas em forma de linguagem. Essas histórias literárias têm um alto poder influenciador no comportamento dessas crianças, podendo ser utilizada não somente como recurso pedagógico de grande valor no processo ensino-aprendizagem, mas como um instrumento de formação transformadora.

O processo de contar histórias, desenvolvido pela literatura infantojuvenil, pode ser um recurso (se bem trabalhado em sala de aula) para instigar a imaginação e despertar a curiosidade pelo mundo da leitura, podendo apresentar resultados satisfatórios no desenvolvimento da linguagem.

É sabido que a literatura faz parte da essência e formação humana e é um direito de todos, assim como nos apresenta o autor Antônio Cândido. De maneira mais ampla possível, podemos visitar a literatura em todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações (CANDIDO, 2004, p. 16).

Quando se pensa em literatura, a engenharia da arte do pensar e do imaginar se transfiguram em um status-quo inseparável, pois a literatura é representação transfigurada da própria arte do criar, do engendrar envolveres e saberes. Somos todos leitores, independentemente do contexto, estamos o tempo todo lendo algo, seja uma lista de compras, uma revista, uma receita de bolo ou um best seller. Não importa, consumimos leitura ou somos consumidos por ela.

Neste viés, enfatiza-se a importância da literatura infantojuvenil para a vida e como a escola auxilia no modo como os alunos aprenderão e desenvolverão os conteúdos ministrados em sala de aula. Salientando dessa forma, que as práticas de leitura devem ser estimuladas não só na escola, mas também em casa pelos familiares, devido a isso esse trabalho em conjunto com a escola e a família deve ser sempre fortalecido.

Segundo pesquisa feita pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e o Itaú Cultural (2020¹) a porcentagem de brasileiros leitores é de 52%. Já os não leitores, representam um total de 48% da população. Ainda segundo os dados do IPL, o brasileiro lê em torno de cinco livros por ano. Com isso, para que essa porcentagem aumente é necessário que haja um processo de reestruturação das bases educacionais que permitam mostrar que a leitura acima de tudo é uma prática prazerosa e por essa razão precisa ser estimulada usufruindo dos métodos lúdicos e não somente como forma obrigatória e imposta, somente uma obrigação para o leitor.

Esse pensamento de ler por obrigação que está contido em uma parcela significativa de jovens alunos, precisa ser desconstruído através do trabalho em conjunto entre a escola e a família. De acordo com Demite (2014, p.204) para a formação de leitores, na escola, é preciso “capacitar os alunos a terem o prazer e os recursos técnicos essenciais para responderem ao autor instaurado no texto e, assim, participar do grande diálogo no qual autor e texto estão inseridos”. Sendo de suma importância que os professores revejam suas práticas pedagógicas relacionadas à leitura de seus alunos, deixando de utilizar o texto literário como uma prática

1 Informações disponíveis em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos#:~:text=De%202015%20para%202019%2C%20a,de%20193%20milh%C3%B5es%20de%20brasileiros>. Acesso em: 08 abr. 2022.

punitiva, e torná-lo prazeroso como deveria ser desde o princípio.

Para se atingir resultados qualitativos na leitura, de acordo com autores como Zilberman (2003) e Abramovich (1991) a prática da leitura de histórias infantojuvenis tem um papel fundamental no processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva, formando crianças que gostem de ler. Pois, não se distancia a “coincidência entre o mundo representado no texto e o contexto do qual participa seu destinatário” (ZILBERMAN, 1983, p. 23).

Essa prática pode ser facilmente incorporada à rotina diária do aluno, independentemente da idade e da condição social das crianças. É por meio do ouvir histórias que vão, desde cedo, ter contato com o livro literário e conseqüentemente com o mundo mágico da literatura.

Segundo Abramovich (1991) os primeiros contatos com o caminho do conhecimento devem ser repletos de sonhos encantados, fantasia, prazer, brincar com as palavras para que a criança descubra o mundo científico, através da reestruturação do pensamento com relação ao pensamento real e o imaginário. Partindo dessa interação entre o autor e o leitor que garantirá e construirá um sentimento de interesse e um gosto pela leitura, porque além do mais o prazer pela leitura deve ser estimulado de forma contínua com o objetivo também de gerar novos conhecimentos. Desse modo, a leitura de livros literários estimula o senso crítico e o desenvolvimento cognitivo das crianças além de ampliar mais ainda sua visão de mundo.

Para que se confirme esse pressuposto e seja trabalhado com maestria o educador terá que ter atitudes criativas que desenvolvam o interesse dos seus alunos. Sendo assim, segundo Zilberman (2003), levando em conta que a família influencia muito a criança no envolvimento mais eficaz com a leitura, a criança que vive em uma casa de leitores, com certeza, terá uma inclusão maior com as tarefas de leitura. Na família pode-se iniciar sua prática de leitura, aperfeiçoando na escola e o indivíduo conduzirá a vida toda.

A partir desse pensamento sobre as questões que norteiam e influenciam o processo de aprendizagem no que tange também ao suporte que a escola deve dar ao aluno para que haja o enfoque no hábito da leitura. Pode se logo, conforme Bamberger (2000) que nos dá algumas sugestões que podem ser aplicadas pela escola para induzir o hábito da leitura aos seus alunos de séries iniciais: “O desenvolvimento de interesses e hábitos de leitura é um processo constante, que principia no lar, aperfeiçoa-se sistematicamente na escola e continua pela vida afora através das influências da atmosfera cultural geral e dos esforços conscientes da educação e bibliotecas públicas” (BAMBERGER, 2000, p.43).

Para Bamberger (2000), a escola precisa oferecer aos seus alunos acesso ao conhecimento da leitura, diversificando seus textos e levando a leitura a um lugar de grande destaque na vida do aluno.

Segundo Martins (1989) na leitura a criança é atraída por meio dos sentidos, pela curiosidade, pelo formato, pelo manuseio fácil e pelas possibilidades emotivas que o livro de literatura pode conter.

Contextualizando vida e obra

Lygia Bojunga Nunes, nascida em Pelotas, Rio Grande do Sul, no dia 26 de agosto de 1932, mudou-se com a família, aos oito anos, para o Rio de Janeiro. Em 1951 participou da Companhia de Teatro Os Artistas Unidos, fez apresentações em cidades do interior. Atuou como atriz de rádio e participou de programas de televisão. Mas, o gosto pela vida tranquila e conectada à natureza a fez se mudar para o interior do Estado do Rio de Janeiro. Ficou dez anos escrevendo para rádio e televisão. Junto com o marido manteve durante cinco anos uma escola rural para crianças carentes.

Casada com o inglês, Peter, seu segundo marido, em 1982, Lygia mudou-se para a Inglaterra. Em 1988 voltou a atuar nos palcos do Brasil e do exterior. Sua experiência de escrita literária lhe rendeu vários prêmios como o Concurso de Literatura Infantil do Instituto Nacional do Livro; o prêmio Sueco Astrid Lindgren de literatura; prêmio Hans Christian Andersen, concedido pela International Board on Book for Young People, filiada à UNESCO,

considerado prêmio máximo da literatura infanto-juvenil. Conquistou o público com várias obras, escreveu: *Angélica* (1975), *A Bolsa Amarela* (1976), *A Casa da Madrinha* (1978), *Corda Bamba* (1979) e o *Sofá Estampado* (1980) entre outras. Sua obra já foi publicada em diversos países e é recomendada pela crítica europeia. *Corda Bamba* virou filme na Suécia e *Meu Amigo Pintor* foi adaptada para o teatro

Publicado em 1976, o livro *A Bolsa Amarela* é a terceira obra literária de Lygia Bojunga Nunes e recebeu o selo de ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Grande sucesso de público é uma das obras mais conhecidas da autora, tendo sido sucessivamente reeditada e publicada. Para Coelho (2000) o livro de Bojunga pode ser caracterizado como realismo mágico, em virtude da sua fina separação entre o que é real e imaginário.

Essa, tornou-se uma das suas obras mais famosas e conta a história da menina cheia de vontades chamada Raquel, caçula de quatro irmãos, esconde segredos dentro de sua bolsa amarela. Além das vontades, Raquel também esconde na bolsa os seus amigos secretos: um galo chamado Afonso, um guarda-chuva e um alfinete de fralda.

No início da história, o leitor logo conhece a personagem narradora Raquel, que é uma menina esperta e com muita imaginação. Ela já inicia a história, preocupada em encontrar um lugar para guardar suas “vontades”. Vontades essas que vão desencadear os acontecimentos na vida da personagem. Raquel diz ter muitas vontades e elenca três delas: a de ser menino, escritora e gente grande. No decorrer da narrativa, Raquel ganha uma bolsa amarela, e a partir de então, começa a guardar as suas vontades dentro dessa bolsa. Tinha dias que a bolsa estava gorda e pesada de tantas vontades, pois suas vontades moravam na bolsa. Havia também os seus companheiros imaginários sobre os quais teve vontade de escrever e que tomaram vida na narrativa. Assim, Raquel vai contando a história de cada personagem, que faz parte dessa história.

Em relação à imagem da criança, a protagonista é um exemplo de como a criança, muitas vezes, é vista pelo adulto. Contudo, a personagem Raquel é criança, porém já tem conhecimento e opinião sobre coisas que alguns adultos não sabem. Em relação aos preconceitos que tradicionalmente separam o homem da mulher e suas funções específicas, a personagem, já no início da narrativa, quando cita uma de suas vontades – a vontade de ser garoto, expressa sua opinião, dizendo que ser menino é mais legal, pois pode fazer mais coisas, o homem sempre está à frente das situações e sempre decide tudo como a própria Raquel conta no trecho abaixo:

[...] Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo do jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa pra homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. É só a gente bobear que fica burra: todo o mundo tá sempre dizendo que vocês é que têm que meter as caras no estudo, que vocês é que vão ser chefe de família, que vocês é que vão ter responsabilidade, que – puxa vida! – vocês é que vão ter tudo [...] Eu acho fogo ter nascido menina (BOJUNGA, 1998, p. 12).

O livro *A Bolsa Amarela* segundo alguns críticos é para leitores espertos, cheios de criatividade e imaginação, pois opõe a formação da subjetividade infantil, ao conservadorismo regulador da vida social.

Desvendando os Segredos de Raquel

Segundo Coelho (2000) essa narrativa se enquadra no realismo mágico que transita entre a realidade e o imaginário. Faz parte desse gênero literário, obras que tratam de situações do cotidiano e de algo “estranho” que é vivido com naturalidade pelas personagens. Ainda segundo Coelho, o realismo mágico atrai bastante o leitor infantil, exatamente pela sua capacidade de fantasiar.

Já para Santos e Novaes (2014) a criança brinca com tudo aquilo em que põe as mãos, brinca com o que vê, brinca com o que fala. Brinca ao reinventar, ao ser criança, ao criar. A ludicidade reinventa a linguagem, burla, desfaz, recria, subverte suas normas, refazendo sentidos e significados, viabilizando a criação de vários outros sentidos e significados, isso vai de encontro com a proposta da escritora Lygia Bojunga, pois ela faz uso de várias metáforas ao falar dos medos que configuram o universo infantil, os mesmos que levam a protagonista do livro a esconder suas vontades e seus sentimentos dentro da bolsa.

Como a temática da obra centra-se nos conflitos infantis, por exemplo, a dificuldade de adequação do mundo infantil ao mundo adulto e/ou a subordinação da criança aos comportamentos estipulados pela sociedade, quanto a isso Zilberman (1983), explica que cabe ao professor se atentar quando se trata do uso do livro para crianças e adolescentes no contexto escolar, à escolha de obras apropriadas ao leitor infantojuvenil e ao emprego de recursos metodológicos corretos que possam conduzir esses leitores a compreensão das obras e a verbalização pelos alunos do que foi ensinado em sala de aula.

Concomitantemente à explanação de Zilberman (1983), Santos e Novaes (2014) ressaltam que professores devem trabalhar a leitura baseada no lúdico e no onírico proporcionado pela literatura infantil.

Relatos de ações metodológicas propostas com acadêmicos de letras

As ações metodológicas propostas neste estudo, foram realizadas em uma sequência didática, nas quais foram trabalhadas diferentes abordagens, divididas em três etapas. Neste tópico apresenta-se o percurso feito na realização do projeto em sala de aula.

As ações aqui relatadas foram executadas com estudantes do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal, localizada na região Sul da capital Palmas, Tocantins. O projeto foi realizado durante a etapa de estágio supervisionado obrigatório para a obtenção da docência em Licenciatura em Letras. Assim, as autoras desse estudo, optaram por desenvolver uma metodologia com o livro *A Bolsa Amarela*. O projeto teve três etapas, que descreveremos abaixo em tópicos separados. Assim, segue abaixo a didática das etapas e o percurso metodológico que foi realizado na concretização do projeto.

Primeiro Momento

Inicialmente foi feita a apresentação da obra e da autora e sua contextualização com o período histórico em que foi escrita. Sequencialmente foram realizadas leituras individuais, onde cada estudante pode ler trechos da obra. Posteriormente, teve uma discussão crítica e compartilhada sobre o que cada aluno achou das questões presentes na narrativa. Nessa etapa foram colocadas questões sobre os três desejos da protagonista do livro, a menina Raquel. Falas como “o livro retrata questões, que fazem sentido até os dias atuais, como é a questão da adultização das crianças na nossa sociedade” (Fala de Estudante). Essa interpretação é congruente com o posto por Ferreira, Ferreira e Melo (2021, p. 215), no artigo intitulado: A adultização infantil na contemporaneidade: as escolhas das crianças, ao ressaltar que:

A adultização na contemporaneidade desconfigura o sentimento de infância advindo com a Modernidade e faz aparecer uma nova infância, a infância adultizada, aquele que necessita ser autônoma, independente, empreendedora, consciente, madura, capaz, proativa, eficaz, eficiente, necessitando, para tal, de aprender a fazer como os adultos fazem, a sentir como os adultos sentem [...].

Após esse contexto inicial de conhecer a obra, a autora as temáticas abordadas no romance, pedimos aos alunos que escrevessem cartas anônimas, falando das suas impressões sobre um determinado colega. Foi solicitado que o aluno escrevesse sobre as características psicológicas que mais se destacava no colega escolhido para ser o personagem da sua redação. Abaixo temos alguns registros fotográficos desse momento.

Imagens 1, 2. Alunos escrevendo cartas com características psicológicas que definem um colega de sala



Fonte: Das autoras (2020).

O trabalho desenvolvido com esses alunos teve como objetivo o incentivo a escrita e a leitura através de ferramentas lúdicas e oníricas. Além disso, objetivou também, inserir no contexto escolar dos participantes uma maior compreensão sobre as obras literárias, que as vezes são tidas como distantes da realidade desse leitor. A promoção dessa dinâmica mostrou para os alunos que a literatura tem forte raízes no cotidiano das pessoas, nas suas características, sejam elas físicas ou psicológicas

É importante ressaltar que, conforme aponta Santos e Moraes (2013), o letramento de forma holística não se relaciona somente ao ensino de gramática, mas ao uso funcional dos textos imbricados às práticas sociais. O professor pode utilizar uma infinidade de recursos, basta observar a estrutura daquele que melhor se encaixa ao seu propósito e trazer de forma criativa para a sala de aula, de modo que agregue conhecimento.

Fábio Cardoso dos Santos e Fabiano Moraes (2013) ressaltam essa atenção à importância e necessidade da literatura como um instrumento engajado no letramento e alfabetização das crianças e dos jovens. Os autores sugerem que não deva ser trabalhado apenas aspectos sociais e culturais relativos às obras, mas também os aspectos que constroem os personagens, ou seja, sua trama interna, sua personalidade, como é o caso da personagem Raquel, que trava uma luta constante com suas ideias. Dessa forma a literatura infantojuvenil contribui de forma positiva para o crescimento e amadurecimento dos sujeitos. Os autores ainda destacam o quanto as diversas obras infantojuvenis contribuem e acrescentam na criticidade para a vida como um todo, e não somente para o aprender a ler e escrever.

Segundo momento

Concluída a fase anterior, demos início a segunda fase do projeto. Nesta etapa trabalhou-se com a gravação de vídeos, com o auxílio de celulares. Os vídeos foram produzidos sob as temáticas abordadas na narrativa bojuanguiana, ou seja, os participantes escolheriam uma temática e falavam como essa situação foi trabalhada no ambiente familiar e escolar, pois na obra. Na narrativa, a personagem Raquel vive um conflito interno com ela mesma e com a própria família que não a entende, por isso, ela esconde os seus três desejos na bolsa amarela. Dessa forma a obra é cheia de conflitos de cunho psicológico e social que encadeiam uma série de questões referentes à constituição identitária da criança. Para Peruchi (2014, p. 6-7)

O enredo da narrativa já se inicia revelando uma criança que, muito antes de ser “inocente, débil, fraca, imperfeita ou irracional” e, por isso, alheia à realidade, é extremamente consciente de que é dessa forma que ela é vista pelos adultos. O início da obra traz marcas dessa concepção de criança enquanto ser frágil e minorizado que têm os adultos da trama, o que fica explícito na própria revelação da narradora, que conta aos seus leitores que precisa achar um lugar para esconder as suas vontades, denunciando, portanto, a repressão a que está submetida.

Isto posto, elencamos que finda as gravações dos audiovisuais, foi promovido um momento de apresentação dos vídeos e ainda uma apresentação de objetos que foram importantes na infância dos alunos ou que provocasse lembranças familiares. Abaixo algumas imagens desse momento.

Imagens 1, 2 e 3. Registro da realização das Memórias Literárias





Fonte: Das autoras (2020).

Segundo Boeno (2013, p. 41-42):

As obras literárias são de várias naturezas, assim, as memórias, que perpassam a vida real, perpassam também os variados gêneros literários. Nesses gêneros, as memórias correspondem aos textos narrativos ficcionais como escrita de si, seja em uma perspectiva individual ou coletiva, com personagens reais ou ficcionais, produzidos por escritores que retomam em seu processo criativo as experiências vividas. [...] O leitor, por associação, identificar-se-á com as situações narradas nos gêneros literários.

Essa etapa foi um resgate de memórias e lembranças afetivas que marcaram a infância dos alunos, nessa ocasião os alunos explicavam qual o significado que tinha o objeto em demonstração. Para Ponzio (1990, p. 51) “a memória aparece, portanto, não como um processo de recuperação de uma construção precedente, mas como uma nova construção, que é, primeiro de tudo, construção de outras relações, tanto externas, quanto internas”, ou seja, as memórias, as emoções e as percepções da infância, fazer parte do processo de interpretação da formação do indivíduo em si e como sujeito social.

Terceiro momento

No terceiro e último momento, aproveitamos que a escola estava promovendo a Feira de Ciência anual e propomos aos alunos a realização de um Teatro de Fantoches, que envolvesse a obra *A Bolsa Amarela*. Assim, os alunos definiram em conjunto qual temática seria abordada na construção da peça e fez-se um roteiro sobre a vontade de ser adulta que as crianças tem. Discursões como: “todo mundo quer fazer 18 anos, ser dono de seu próprio nariz, mas minha mãe sempre fala que pra ser adulto tem que se sustentar sozinho, ser responsável pelas suas ações” (Fala de aluno, na discussão sobre o roteiro da peça de fantoches). Dessa forma, após essas definições, a peça abordou de forma cômica, um grupo de jovens que queriam ser adultos e outros que continuavam desejando ser criança por mais tempo. No embate discursivo da peça, cada grupo elencou e defendeu seus pontos de vistas. Abaixo tem-se alguns os registros fotográficos dessa apresentação.

Imagens 1, 2 e 3. Apresentação teatral com fantoches sobre a vontade de ser adulto e ao mesmo tempo continuar criança



Fonte: Das autoras (2020).

Optamos por finalizar o projeto com o teatro de fantoches, pois é “no brincar as crianças vão se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações” (BORBA, 2007, p. 41). Ao desenvolver esta etapa do projeto levamos em consideração o princípio da ludicidade, ou seja, a capacidade do indivíduo de resolução de seus problemas de forma satisfatória por meio de brincadeiras. Esse mecanismo permite que a criança seja ela mesma, sem necessidade de pressão para mudança. Há um reconhecimento e esclarecimento das atitudes expressas a partir da reflexão sobre o que é apresentado pela criança, ou seja, é uma oportunidade para que a criança possa crescer em melhores condições. Através da comunicação propiciada de brincar, cria-se um espaço de expressão dos sentimentos acumulados e ampliação da consciência. A ludicidade é sem dúvida um recurso metodológico indispensável para os educadores nos dias atuais e portanto, é papel do professor promover essa ludicidade, principalmente quando se refere ao literário, assim é preciso planejar e desenvolver atividades lúdicas pedagógicas que possibilitem “a fruição, a decisão, a escolha, as descobertas, as perguntas e as soluções por parte das crianças e dos adolescentes, do contrário, será compreendida apenas como um exercício” (BORBA, 2007, p. 43).

Algumas considerações

Ressalta-se, que ao desenvolver trabalhos e projetos na literatura para jovens, é primordial que o educador saiba construir uma ligação do leitor com o contexto da obra. No caso de *A Bolsa Amarela*, que conta uma história em uma perspectiva do mundo real em que vivem os adolescentes, seus conflitos, seus sonhos, suas fantasias, pode ser uma oportunidade que traz à tona uma série de questões relevantes que devem ser discutidas em sala de aula. E ainda, abordar de maneira lúdica, mas realista, as relações pais e filhos e mazelas sociais como pobreza, drogas e falta de diálogo no ambiente familiar, estreitando essa relação tão necessária entre o aluno, a escola e a família.

Desse modo, cabe ao professor mostrar e relacionar esses temas com os problemas sociais vivenciados pelas crianças e adolescentes. Considerando assim, o aprimoramento dos multiletramentos possibilitados pela abordagem de uma obra tão especial com essa de Lygia Bojunga.

Dessa maneira esse projeto cumpriu sua função, que para o despertar do prazer de ler, pois, esse despertar da leitura, mesmo nos pré-adolescentes, promove o prazer pelo ato de ler e ouvir histórias literárias infantojuvenis. Quando esses potenciais leitores, ouvem as histórias, aprimoram a sua capacidade de imaginação, de modo que ouvi-las pode estimular o imaginário, a curiosidade, o desenhar, o escrever, o criar e o recriar.

Na atualidade, com as facilidades das novas tecnologias, as informações estão prontas, a um clique de distância, com isso, a criança que não tiver a oportunidade de suscitar seu imaginário, poderá no futuro, ser um indivíduo sem senso de criticidade, pouco criativo, sem

sensibilidade para compreender a sua própria realidade e a realidade a sua volta.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 2 ed. São Paulo: Scipione, 1991.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

CANDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro: Duas cidades, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1ªed. São Paulo: Moderna, 2000.

BOENO, Neiva de Souza. **Memórias literárias: das práticas sociais ao contexto escolar**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- graduação em Estudos de Linguagem, Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso, 2013.

BORBA, Ângela Meyer. O Brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

FRAZÃO, Dilva. **Lygia Bojunga**: Escritora brasileira. Disponível em: https://www.ebiografia.com/lygia_bojunga/. Acesso em: 11 maio 2022.

FERREIRA, Hugo; FERREIRA, Fernando Ilídio; MELO, Bruno César Farias. A adultização infantil na contemporaneidade: as escolhas das crianças. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.68, 2021. Disponível em: <file:///C:/Users/merci/Downloads/7040-Texto%20do%20artigo-23681-1-10-20220512.pdf>. Acesso em: 13 maio 2022.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

PERUCHI, Camila Hespanhol. A visão do mundo e do eu sob a ótica infanto-juvenil: algumas considerações sobre a obra *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga. **Revista Línguas & Letras**, v. 15, n 30, 2014. Disponível em: file:///C:/Users/merci/Downloads/letras_lingua,+Gerente+da+revista,+A+VIS%C3%83O+DO+MUNDO+E+DO+EU+SOB+A+%C3%93TICA+INFANTO-JUVENIL.pdf. Acesso em: 20 abr. 2022.

PONZIO, Augusto *et al.* **Fundamentos de Filosofia da Linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. SANTOS, Fábio Cardoso dos; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo: Cortez, 2014.

STEPHANI, Adriana Demite. **Atividades de leitura literária no Ensino Médio de Brasília: um estudo em perspectiva dialógica**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em

Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília para obtenção do título de Doutora em Literatura. Disponível em: https://drive.google.com/drive/u/0/folders/1W5uPtaev_QUxHSWAV6jXO_ICGaKz2Gf. Acesso em: 09 abr. 2022.

ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone**: textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ed. São Paulo: Global, 2003.

Recebido em 26 de outubro de 2022.

Aceito em 30 de novembro de 2022.